

# **A brinquedoteca universitária enquanto um espaço para as crianças de criação e imaginação**

## ***The university toy library as a space for children of creation and imagination***

Fabiana de Oliveira\*  
Tuane Francelino Araújo\*

DOI: [http://dx.doi.org/10.20435/2318-1982-2016-v.21-n.43\(08\)](http://dx.doi.org/10.20435/2318-1982-2016-v.21-n.43(08))

### **Resumo**

Esse artigo visa apresentar uma reflexão acerca das atividades desenvolvidas em uma brinquedoteca universitária situada no Sul de Minas Gerais, especificamente a partir do desenvolvimento do projeto de pesquisa denominado “Brincando com sucatas”. A metodologia utilizada consistiu na realização de oficinas junto às crianças e na realização de observação e filmagens em áudio e vídeo feitas pelas pesquisadoras e também pelas crianças. O referencial teórico adotado para o estudo está pautado nos pressupostos da Sociologia da Infância. Foi possível constatar que as crianças têm interesse por brinquedos artesanais feitos com sucata, mas que o interesse delas em produzir seus próprios brinquedos é bem maior. A pesquisa mostrou também a importância de se possibilitar um espaço lúdico de troca e de interação entre pares por meio do brincar, no qual a criança possa produzir e sentir-se à vontade em realizar suas atividades utilizando a sucata como matéria prima para sua imaginação.

### **Palavras-chave**

Brinquedoteca; culturas infantis; sociologia da infância.

### **Abstract**

This article presents a reflection about the activities developed in a university playroom located in southern Minas Gerais, specifically from the research project development called Playing with scraps. The methodology consisted of workshops with the children and carrying out observation and filming audio and video made by researchers and also by children. The theoretical framework adopted for the study is guided by the assumptions of the sociology of childhood. It was found that children have interest in handmade toys made from scrap, but their interest in producing their own toys is much higher. The research also showed the importance of allowing a playful space of exchange and peer interaction through play, in which the child can produce and feel at ease in carrying out their activities using scrap as raw material for their imagination.

### **Key words**

Toy; child culture; sociology of childhood.

---

\* Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente as brinquedotecas surgiram por volta de 1934, em Los Angeles, no entanto, inicialmente, funcionavam como um local de empréstimos de brinquedos denominado “Toy Loan”. No entanto, atrelado ao aspecto lúdico, tivemos outras interfaces presentes na configuração das brinquedotecas, pois, em 1963, a ação de duas mães suecas que tinham filhos deficientes originou um espaço denominado Lekotec (ludoteca), cujo trabalho visava não somente ao empréstimo de brinquedos, mas também à orientação de pais que também tinham filhos com necessidades educativas especiais visando à estimulação dessas crianças como um recurso clínico (NOFFS, 2010).

No entanto, somente a partir de 1967, que tivemos para o brincar uma proposição de espaço mais próxima do que compreendemos hoje como brinquedoteca, pois ocorreu uma mudança na nomenclatura de “Toy loan” para “Toy libraries”. As bibliotecas de brinquedos na Inglaterra, no entanto, para além da mudança de nome, possibilitavam às crianças também tomar os brinquedos emprestados, mas também podiam permanecer no local para brincarem (CUNHA, 2007).

A partir dessa mudança de enfoque, passa-se a compreender que, a partir do brincar, a criança aprende e se desenvolve. Assim, a brinquedoteca tem se configurado como um espaço que acolhe as crianças e contribui por meio do brincar e da ludicidade com o desen-

volvimento infantil e, nesse caso, pode ser considerada como uma importante contribuição para o processo educacional, pois “a brinquedoteca é o espaço criado com o objetivo de proporcionar estímulos para que a criança possa brincar livremente se desenvolver” (CUNHA, 2007, p. 13).

A criança tem o direito de brincar, e a brinquedoteca assegura esse direito. A Declaração dos Direitos da Criança de 1959 já apresentava esse direito a partir do seu princípio sétimo, considerando que “a criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando aos propósitos mesmos da educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo desse direito”. E a Convenção sobre os direitos das crianças de 1989 vem afirmar esse direito no seu artigo 31, assegurando que “os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias de sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística”.

A brinquedoteca universitária de que trata esse artigo foi criada no ano de 2010, a partir da necessidade de um espaço onde a criança pudesse se envolver socialmente e vivenciar atividades em um ambiente que tem como objetivo proporcionar um espaço voltado ao lúdico que atenda às necessidades das crianças enquanto sujeitos brincantes que aprendem, se desenvolvem e criam culturas por meio do brincar, bem como se constituir como um espaço voltado

para as atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo como foco a formação do educador lúdico e o brincar como eixo da formação da criança.

Nesse sentido, a brinquedoteca tem-se constituído em um espaço para as crianças, ou seja, um espaço voltado aos seus interesses, considerando que a cidade não possui muitos espaços dedicados à infância, então, esse espaço é uma das poucas opções existentes e que tem, então, preenchido uma lacuna muito importante quando pensamos nas possibilidades de recreação e lazer das crianças.

O espaço da brinquedoteca é um território do brincar no qual as crianças podem participar ativamente das decisões sobre o que, como e quando brincar, pois “a importância das coisas há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós, diz o poeta Manoel de Barros. Se considerarmos os lugares como coisas, poderíamos ser encantadores de lugares, que, por sua vez, encantaria a todo mundo” (FARIA, 2007, p. 97).

Não podemos deixar de considerar que a brinquedoteca contribui para ao processo educacional das crianças enquanto um espaço de educação não formal, pois “é o espaço criado com o objetivo de proporcionar estímulos para que a criança possa brincar livremente e se desenvolver” (CUNHA, 2007, p. 13).

Foi com o intuito de potencializar as possibilidades desse espaço lúdico que desenvolvemos o projeto de pesquisa denominado “Brincando com su-

catas”, que teve como objetivo analisar a relação e a interação de crianças na faixa etária de cinco a sete anos, com brinquedos artesanais confeccionados com sucata, e estimular criatividade e imaginação dessas crianças, por meio de oficinas de produção de brinquedos com sucata que foram realizadas na brinquedoteca universitária localizada no Sul de Minas Gerais.

Assim, este artigo está dividido em três partes que se complementam: inicialmente apresentamos uma discussão teórica acerca do referencial teórico que embasa nossas reflexões; depois, discutimos aspectos da metodologia empregada no desenvolvimento do projeto de pesquisa; e, em seguida temos a análise dos dados encontrados.

## **2 O BRINCAR E A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA**

Quando refletimos acerca do surgimento da Sociologia da Infância precisamos considerar que isso só foi possível graças a uma abertura no campo das ideias sociológicas que, até então, não tinham reservado às crianças uma atenção específica, pois sempre eram estudadas como um fenômeno interligado à escola e à família e atrelada à discussão sobre a socialização da criança como uma forma de inculcação dos valores da sociedade adulta.

Os sociólogos se voltavam para o estudo das influências dessa socialização na vida das crianças a partir de uma perspectiva estrutural-funcional. Especialmente a sociologia da educação,

permaneceu durante um longo período presa à definição durkheimiana de imposição dos valores adultos sobre a criança levando estas a permanecerem no silêncio, ‘mudas’, ou seja, em uma posição marginalizada e passiva diante do mundo adulto.

Os sociólogos da infância de um modo geral concebem o conceito de socialização a partir de um entendimento diferente do conceito utilizado por Durkheim, pois essa socialização estaria atrelada a uma visão vertical a partir da qual a criança absorve o mundo adulto com suas regras e valores por meio da ação de uma geração sobre a outra (PLAISANCE, 2005; JAMES; JAMES, 2004; PROUT, 2005).

Nesse sentido, de acordo com Plaisance (2005), as concepções atuais sobre a socialização das crianças concordam que esta se dá por meio de múltiplas negociações com seus pares (crianças-crianças) e também com os adultos contribuindo para a construção da identidade do sujeito.

Segundo Sirota (2001), a redescoberta da sociologia interacionista e as abordagens construcionistas forneceram os paradigmas teóricos para essa nova perspectiva de compreensão da criança e da infância. Assim, “essa releitura crítica do conceito de socialização e de suas definições funcionalistas leva a considerar a criança como ator” (SIROTA, 2001, p. 04). Dessa forma, propõe-se um outro modelo baseado numa concepção interacionista que implica considerar a criança “como sujeito social, que parti-

cipa de sua própria socialização, assim como da reprodução e da transformação da sociedade” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 393).

A partir dessa vertente, passamos a compreender a *infância* como uma categoria social de tipo geracional, e a *criança*, como os atores sociais que integram essa categoria. Recusando uma concepção uniforme da infância, pois, mesmo considerando os fatores de homogeneidade entre as crianças como uma categoria do tipo geracional própria, os fatores de heterogeneidade também devem ser considerados (classe social, gênero, etnia, religião etc.), pois os diferentes espaços estruturais diferenciam sobremaneira as crianças, por isso podemos falar em *infâncias* no plural (SARMENTO, 2005; JAMES; JAMES, 2004).

Considerando essa criança enquanto um ator social que vive suas várias infâncias, um fator essencial a ser destacado são as culturas infantis para compreendermos o campo de ação das crianças dentro da categoria geracional. Por culturas infantis, Sarmento entende que são “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e ideias que as crianças produzem e partilham em interação com os seus pares” (CORSARO; ELDER, 1990 apud SARMENTO, 2005, p. 373).

Essas culturas infantis não são o produto exclusivo do mundo simbólico da infância, pois não é, de acordo com Sarmento, um universo fechado e autônomo, pois é permeável por toda

a influência dos modos de vida dos adultos, dos processos de institucionalização, da influência da mídia, do consumo e da indústria cultural para as crianças com seus brinquedos eletrônicos como vídeo game e também a utilização de computadores e da internet (SARMENTO, 2007a).

A imersão das crianças no universo simbólico e a reprodução interpretativa desse universo realizam-se por meio da influência de vários planos, segundo Sarmento (2007b, p. 06):

- o ambiente familiar, associado às condições de classe, raça e etnia etc.;
- a cultura local, transmitida pelas suas tradições, instituições locais e relações de vizinhança;
- a cultura nacional, comunicada por meio das instituições sociais;
- a cultura escolar, parcialmente aberta à cultura local e nacional, mas distinta em sua forma escolar;
- a cultura global, difundida pelos meios de comunicação (mídia) e pela indústria cultural.

As culturas da infância são o produto desses planos que se implicam mutuamente nas relações sociais considerando as relações inter e intrageracionais. Esse processo é criativo, mas também reprodutivo. Assim também são as crianças entendidas como atores sociais: elas não somente reproduzem a cultura adulta, bem como, em sua competência e capacidade, “formulam interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, e o fazem de

modo distinto para lidar com tudo que as rodeia” (SARMENTO, 2005, p. 373).

Assim, as crianças se inseririam em um grupo específico dentro da estrutura social e produziram uma cultura própria dentro de sua categoria geracional por meio de um conjunto de símbolos caracterizados por valores, normas, modos de sentir e que distinguiria um grupo de outro, no caso, o grupo dos adultos do grupo das crianças por meio do padrão de suas ações.

A partir disso, podemos compreender, por meio dessa perspectiva, que a criança inflete o mundo social que ela vive de maneira singular, pois elas produzem ‘culturas infantis’ que são constituídas a partir de um movimento de produção e reprodução da cultura que Corsaro (2011) denomina “reprodução interpretativa”, pois as crianças fazem uma interpretação singular do mundo adulto (social), sendo um elemento distintivo da categoria geracional (SARMENTO, 2003, p. 04).

Esse movimento que as crianças fazem de interpretação do mundo adulto, ocorreria por meio de duas atividades realizadas pelas crianças que dizem respeito ao brincar e ao desenho infantil, pois ambos nos dariam pistas sobre seus modos de entendimento e de criação do mundo que as rodeia, bem como as formas que utilizam para dele se apropriar.

O brincar é algo associado exclusivamente às crianças, por ser considerado o oposto do trabalho, da mesma forma que a cultura sempre foi vista como algo pertencente ao adulto e as crianças

seriam apenas meras reprodutoras dessa cultura; no entanto a cultura que aparece nas brincadeiras das crianças representa o modo como se relacionam com o mundo. Pode-se dizer que há uma forma quase que universal para o desenvolvimento de certas brincadeiras, um padrão lúdico, mas existem variações quando consideramos os aspectos sociais, étnicos, de gênero, regionais.

A criança possui uma capacidade de adaptação dos objetos às suas brincadeiras e, para isso, usa sua imaginação, fantasia e criatividade. O objeto utilizado na brincadeira não perde suas características, mas é transformado e ressignificado pelo imaginário infantil. As crianças, ao brincarem, reproduzem e constroem relações de gênero, pois ser menina e menino é algo diferente, aprendido e produzido culturalmente.

Sarmento nos fala de uma gramática das culturas infantis a partir da qual as crianças revertem a lógica da gramática do mundo adulto, mas “essa alteração da lógica formal não significa que as crianças tenham um pensamento ilógico. Pelo contrário, essa alteração é patente na organização discursiva das culturas da infância, e é coexistente com uma organização lógico-formal do discurso, que permite à criança percorrer simultaneamente o mundo real e o imaginário” (SARMENTO, 2005, p. 375).

Essa gramática das culturas da infância giram em torno de quatro pilares segundo Sarmento (2003):

- a interatividade: as culturas da infância são, prioritariamente, culturas de

pares, ou seja, as crianças produzem e partilham valores, ideias em interação com seus pares permitindo a elas se apropriarem, reinventarem e reproduzirem o mundo;

- a ludicidade: o jogo simbólico é um dos elementos principais das culturas da infância;
- a fantasia do real: está presente no jogo simbólico das crianças, é o seu mundo de faz de conta, no qual a realidade e o imaginário se mesclam;
- a não literalidade: é a não linearidade temporal, pois o tempo da criança desloca-se da realidade cronológica dentro da temporalidade estabelecida no jogo simbólico.

Por meio do brincar, a criança produz, mas também reproduz a sua realidade a partir de suas vivências, interações com seus pares ou com os adultos, mas também retira elementos dos programas a que assiste na televisão, das histórias que lhe são contadas ou que ela própria lê.

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO PROJETO DE PESQUISA**

A pesquisa realizada se caracterizou como qualitativa e de base descritiva. Segundo Godoy (1995, p. 21) “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo no ambiente de uma

brinquedoteca universitária, na qual foi investigada a relação estabelecida pelas crianças ao fazerem o uso de brinquedos artesanais confeccionados com materiais de sucata, assim como os interesses que foram despertados nas crianças e a criatividade delas mesmas que confeccionaram seus próprios brinquedos.

Por sucata entende-se que é todo o material que perdeu sua utilidade original, coisas que aparentemente são inúteis, mas que servem para brincar, para dar nova forma e novo sentido, o brinquedo produzido com materiais de sucata é considerado artesanal, contudo o brinquedo artesanal não é somente produzido com material de sucata, podendo ser produzido com outros materiais desde que manualmente, ou seja, não industrializado. Nessa reflexão chamamos o brinquedo produzido com sucata de “brinquedo artesanal”.

A pesquisa contou com a participação de três crianças, sendo as seguintes: Maria de seis anos, Heloísa de quatro anos e Júlio de cinco anos. Os nomes utilizados são fictícios visando garantir o anonimato das crianças. As crianças, ao serem convidadas a participarem da pesquisa, foram informadas sobre o desenvolvimento da pesquisa e que seriam também pesquisadoras no desenvolvimento do projeto explicando a elas que poderiam fazer sugestões e modificações na proposta apresentada.

Elaboramos um Termo de Assentimento da Criança que foi assinado por cada uma delas juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

assinado pelos seus pais. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição, cujo parecer foi o nº 1.230.492.

O desenvolvimento do projeto teve a duração de um mês, e realizamos um total de oito encontros, sendo que, a cada semana, as crianças estavam presentes na brinquedoteca em dois dias. As oficinas de produção de brinquedos pelas crianças ocorriam uma vez durante os encontros da semana. Nesses encontros, as crianças confeccionavam os seus brinquedos com os materiais de sucata.

As crianças participaram do planejamento, da escolha dos materiais e da confecção dos novos brinquedos. Isso significa que foi proporcionado às crianças que participaram da pesquisa o envolvimento na tomada de decisões e nas escolhas pelas atividades. Para o registro foram utilizados recursos como a gravação de áudio, vídeo e fotografia. Em alguns momentos as gravações foram realizadas pelas crianças para registrarem a brincadeira, a confecção dos brinquedos e as conversas entre as crianças e as pesquisadoras.

Dessa forma, as crianças tiveram a oportunidade de filmar e fotografar o que realmente era importante e interessante para elas, e, posteriormente, puderam ver a sua filmagem e participar da análise desta junto às pesquisadoras por meio da escolha do que poderia ser considerado enquanto dados da pesquisa.

Para o desenvolvimento do projeto, foi preciso fazer planejamentos prévios como uma forma de organizar

o que se faria em cada dia, para que o objetivo não se perdesse. Esses planejamentos ao longo da pesquisa foram sendo modificados de acordo com os in-

teresses das crianças. No quadro a seguir apresentamos o exemplo do primeiro dia de encontro com as crianças:

1ª Oficina		Tempo de duração: 3 horas (8h às 11h)
Objetivos	<p>Compreender o que é sucata;                      Apresentar os brinquedos: Costurando, passa a bolinha, jogo da memória, bolsinha, encaixe todas, binóculo.                      Apresentar o livro: “Criar para brincar: A sucata como recurso pedagógico” de Nylse Helena Cunha.                      Observar como as crianças se aproximam do brinquedo artesanal;                      Mostrar imagens do livro “O brinquedo-sucata e a criança” de Maria Marcondes Machado das páginas: 27, 43, 46 e 60.                      Refletir sobre o uso da sucata e o seu reaproveitamento.</p>	
Metodologia	<p>Na chegada das crianças, o ambiente da brinquedoteca estará organizado, e os brinquedos artesanais estarão em cima de uma mesa bem ao centro da sala. As crianças poderão explorar qualquer brinquedo do ambiente.                      Uma breve conversa será realizada com as crianças para falar sobre a sucata, que são os materiais que já foram utilizados, mas que podem ser reaproveitados, por exemplo, para fazer brinquedos ou até mesmo reciclado nas indústrias, para levá-las a entender o que é a sucata e, em seguida, os brinquedos artesanais confeccionados com sucata serão apresentados para elas, junto do livro “Criar para brincar: A sucata como recurso pedagógico” de Nylse Helena Cunha, do qual foram tirados todos os brinquedos confeccionados, deixando que explorem o livro e deixando claro que poderão utilizar o livro para tirar ideias de brinquedos, posteriormente.                      As crianças poderão brincar livremente e serão observadas as aproximações dos brinquedos e a escolha pelos brinquedos.                      Para encerrar o encontro, as crianças serão convidadas a observar algumas imagens do livro “O brinquedo-sucata e a criança” de Maria Marcondes Machado (páginas: 27, 43, 47 e 60) são imagens de crianças brincando com sucatas. E será explicado que, assim como aquelas crianças do livro, elas também estavam participando de uma pesquisa que envolve os brinquedos feitos com sucatas, será mostrado que as crianças das fotos estão brincando com brinquedos feitos com sucatas. Será falado para elas que também são pesquisadoras, e suas falas e opiniões serão muito importantes para a realização da pesquisa. Igualmente, elas serão lembradas que serão filmadas e fotografadas e que, quando quiserem, poderão usar a câmera para gravar ou fotografar o que desejarem, como já conversado anteriormente. E será feita a leitura de um trecho do livro “O brinquedo-sucata e a criança” da página 42. Em seguida, permitir que as crianças falem e conversem entre elas.</p>	

Bibliografia	CUNHA, Nylse Helena Silva. <i>Criar para brincar: a sucata como recurso pedagógico</i> . 2. ed. São Paulo, 2007. MACHADO, Maria Marcondes. <i>O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar - atividades e materiais</i> . 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
--------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Em relação à análise dos dados, estes foram organizados a partir de categorias de análise. De acordo com Gomes (1994, p. 70), “as categorias podem ser definidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da coleta de dados”. No caso da presente pesquisa, as categorias emergiram na fase da coleta dos dados e são as seguintes: a interação das crianças com os brinquedos *prontos* e a interação das crianças com os brinquedos artesanais *produzidos por elas*.

Para a presente reflexão, nos pautaremos nos dados da segunda categoria denominada a interação das crianças com os brinquedos artesanais *produzidos por elas*. Essa escolha foi necessária em virtude da quantidade de dados extraídos nas duas categorias.

Após a organização dos dados coletados, as etapas seguintes são a codificação e a análise, que foram feitas por meio da análise de conteúdo que,

constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as men-

sagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (BARDIN, 2006, p. 18).

Pela técnica da análise de conteúdo, é possível decifrar o significado do que se pretende comunicar, pois ela parte do pressuposto de que, por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que acaba tornando-se necessário revelar.

#### **4 A INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS BRINQUEDOS ARTESANAIS PRODUZIDOS POR ELAS**

As oficinas de produção de brinquedos estavam planejadas inicialmente para ocorrerem uma vez por semana, mas, diante do grande interesse das crianças em confeccionarem seus próprios brinquedos, esse planejamento foi alterado e passou a ser realizado em todos os encontros com as crianças.

Nas oficinas, os materiais de sucata e os outros materiais de papelaria como, por exemplo, cola, tesoura, barbante etc. ficavam disponibilizados sob uma mesa da altura das crianças, e havia também outra mesa para que elas realizassem os trabalhos. As sucatas

estavam organizadas em caixas e potes para facilitar o trabalho das crianças e a escolha do material.

Ao ver todo material sobre a mesa, as crianças começaram a explorar procurando o material mais adequado para começar o seu trabalho. No momento foi possível perceber uma grande euforia misturada com a facilidade em tomar decisões e começar o trabalho:

Maria logo disse: – Vou fazer uma bolsinha!

Júlio: – Eu vou fazer um binóculo!

Heloísa não se interessou em participar da produção dos brinquedos, optou por brincar com os brinquedos presentes na brinquedoteca e ela foi respeitada em sua decisão. É preciso lembrar que as atividades eram propostas, e as crianças aceitavam ou não realizá-las, e suas decisões eram respeitadas sem interferências.

A produção dos brinquedos foi sendo realizada por Maria e Júlio, que conversaram poucas vezes, havendo

pouca interação. A interação maior era com os materiais de sucata, as crianças desenvolveram as atividades com facilidade, apresentaram algumas dificuldades quando, então, solicitavam ajuda da pesquisadora que os ajudava sem interferir no trabalho, ou fazer pela criança.

É possível perceber que as crianças escolhem produzir brinquedos que já existem, contudo, no decorrer das produções, as crianças vão apresentando novas ideias de brinquedos. Júlio disse à pesquisadora que gostaria de fazer um escudo e quis fazer um desenho do brinquedo antes de produzi-lo, para ver como iria ficar. Júlio selecionou os seguintes materiais: caixa de papelão, fita adesiva, tinta e barbante; em seguida, sentou-se no tapete com uma folha sulfite e giz, fez o desenho do escudo, mostrou-o para a pesquisadora e para Maria.

Nesse momento Maria, que estava na mesa, direcionou o olhar para Júlio, mostrando interesse no brinquedo que ele estava fazendo. E perguntou:

– O que é isso?

Júlio responde: – É um escudo de coração.

Maria: – Nunca vi escudo de coração.

Júlio: – Vou fazer meu escudo assim, e ninguém vai ter um igual. O meu escudo vai ser o único escudo de coração do mundo. E a gente vai brincar de guerreiros.

Maria: – Quero ver como vai ficar esse escudo. E vou terminar de fazer a minha bolsinha pra guardar essas coisas aqui dentro. – Maria estava se referindo às tampinhas de plástico e de metal.

A situação descrita vem mostrando que a criança cria, imagina e desenvolve suas ações e que,

por volta dos cinco anos, o brincar, o construir e o expressar-se podem ser uma coisa só: a criança constrói cenas, objetos, cenários para sua brincadeira, enquanto está se autoexpressando verbalmente e de outras formas também, imaginárias e simbólicas. (MACHADO, 2007, p. 51).

As crianças têm essa facilidade em criar, e a sucata é um material que permite a elas imaginar um objeto, dar forma real a ele e realizar suas fantasias de forma muito criativa e singular. Após

a transformação da sucata em brinquedo, as crianças criavam brincadeiras e faziam o uso do objeto de forma muito particular, como podemos verificar na brincadeira realizada por Maria e Júlio após terminarem a produção de seus brinquedos, descrita a seguir:

Maria pega a bolsa feita por ela com garrafa de plástico e se dirige até a mesa com os materiais de sucata, pega algumas tampinhas, retalhos de tecidos e fitas e coloca dentro de uma bolsa de garrafa plástica feita pelas pesquisadoras. Júlio coloca em seu pescoço um binóculo e o seu escudo de coração, todos produzidos por ele, e em seguida chama Maria para brincar na casinha. Júlio diz para Maria:

– Você fica dentro da casinha e eu vou ficar aqui do lado de fora, pra ver se não chega ninguém.

Maria: – Espera! Eu vou pegar o meu bebê. – Corre pega uma boneca e volta falando.  
– Você é o pai e eu a mãe.

Júlio: – Então entra na casinha que os guerreiros estão chegando pra pegar vocês, eu vou salvar vocês. – Júlio olha pelo binóculo e segura o escudo, dizendo: – Se esconde, logo.

Maria: – estou aqui dentro com a bebê, vou proteger ela.

Júlio vai até uma prateleira com bonecos e pega alguns, dizendo:

– Estes são os guerreiros. – Coloca-os perto da casinha e vai usando seu escudo para proteger Maria e o bebê, que estão na casinha.

Júlio – Puf, pá! Meu escudo é muito forte e vocês não vão entrar na casinha para pegar o bebê. Ele está seguro. Maria sai da casinha e diz:

– Vou pegar comida, o bebê está chorando de fome.

Seguindo para a cozinha, Maria pega algumas panelas e pratos, coloca-os na bolsa e volta para a casinha.

Com esse exemplo, é possível perceber o uso dos brinquedos com criatividade e a inserção deles na brinca-

deira de dramatização de papéis, quando as crianças imaginam uma situação e tentam resolver. Na dramatização de

papéis, as crianças buscam referências do mundo adulto, porém, “as crianças não imitam simplesmente modelos adultos nessas brincadeiras, mas antes elaboram e enriquecem continuamente os modelos adultos para atender a seus próprios interesses” (CORSARO, 2011, p. 34).

Uma forma de as crianças mostrarem suas perspectivas e opiniões a respeito das oficinas e dos acontecimentos foram as filmagens realizadas por elas. Numa filmagem feita por Júlio em uma das oficinas de produção de brinquedos, ele apresenta os materiais que utilizou para fazer um brinquedo e fala também sobre os materiais utilizados por Heloísa na confecção de outro objeto. Ele começa o vídeo mostrando a mesa com os materiais, em seguida mostra o brinquedo e diz:

– Pra fazer esse foguete eu usei: o “litro”, usei caixa de leite, tinta vermelha e verde. A Heloísa fez uma borboleta e usou “litro” e usou tinta.

Júlio filma os materiais à medida que vai falando o que usou, filma Heloísa brincando em cima do escorregador, com a borboleta de plástico que ela fez e narra, por um momento, o que ela está fazendo:

– Heloísa está em cima do escorregador ela vai fazer a borboleta voar, jogou a borboleta, no chão! Eu vou filmar tudo.  
– Júlio filmou todo o espaço da brinquedoteca, girando a câmera e desligou.

Em seguida Júlio pegou o foguete de garrafa plástica que havia feito, e começou a correr fazendo um barulho imitando o foguete voando. Passou por Heloísa, no escorregador e correu mais um pouco em volta dos brinquedos.

A filmagem permitiu que Júlio expressasse sua vontade em falar dos materiais utilizados na confecção dos brinquedos e filmar o que ele achava importante. Esse recurso foi uma das formas de expressão das crianças na pesquisa, como uma forma de não ter somente a visão do adulto, mas o olhar da criança e as suas considerações.

Com o interesse cada vez maior em produzir brinquedos, as crianças passavam mais tempo na confecção de brinquedos. Pediam papéis e lápis para fazer desenhos dos brinquedos que desejavam antes de começar a produção. No decorrer dos encontros, foi possível notar também que as crianças queriam cada vez mais fazer seus brinquedos com maiores detalhes e com mais planejamento.

Disponibilizamos o livro de Nylse Helena Silva Cunha denominado “Criar para brincar: A sucata como recurso pedagógico”. O livro foi disponibilizado com o intuito de contribuir com a confecção dos brinquedos pelas crianças, pois possui muitas imagens de brinquedos feitos com sucata. Em alguns momentos, as crianças recorreram ao livro e pediam ajuda das pesquisadoras para lerem os procedimentos de montagem dos brinquedos, mas houve momentos em que elas folheavam o livro e por meio

das figuras interpretavam o que seria o brinquedo, como é possível verificar a partir desse momento descrito a seguir, no qual Maria e Júlio conversam:

Maria – O que, que é isso?

Júlio – Deixa eu ver?

Maria – Uma coisa de guardar roupinhas.

Júlio – Ah! Você pode fazer uma roupa pra sua bebê.

Maria – A minha bebê usa roupa de paninho, tá! E isso, ó! Olha isso que eu não sei o que vai virar.

Júlio – Você pode fazer um castelo, também.

Maria – Mas, eu não quero fazer um castelo. O que é isso daqui? Esse livro tá me falando a verdade ou isso é um fantoche?

Júlio – Não! É de colocar a mão aí dentro da caixa e sentir o que tem dentro.

Maria – Ah! E isso daqui serve pra guardar o quê? – Chama uma das pesquisadoras.

Pesquisadora – Esse brinquedo se chama cesta de pastéis. São pastéis feitos com tecidos e recheados com pequenas tampas, palha, bolinhas de isopor.

Maria – É esse! Eu quero fazer a cesta de pastéis. Mas eu quero fazer de papel os pastéis e a cesta de garrafa. Esse livro se chama livro da brinquedoteca?

Pesquisadora – Não, o nome do livro é Criar para brincar: A sucata como recurso pedagógico e foi a Nylse Helena Silva Cunha quem escreveu este livro, contendo a explicação destes brinquedos artesanais, que é possível fazer com sucata.

Maria – Nossa! Esse livro! – sorrindo. – Então eu vou fazer os pastéis hoje.

Júlio – Hum! Eu quero comer.

Maria – É nós podemos fazer os pastéis e vender depois!

Após essa conversa, Maria começou a desenhar os pastéis, e, em seguida, pegou uma garrafa de plástico e pediu à pesquisadora que cortasse o fundo para que ela pudesse fazer a cesta de pastéis. A pesquisadora ajudou Maria que prosseguiu sozinha fazendo o seu brinquedo. Júlio também estava concentrado no seu brinquedo, fazendo uma espada com caixas de leite cortadas a partir de um molde feito por ele em papel.

No momento descrito acima, é possível perceber interação entre as crianças, ao interpretar em conjunto o

livro, e a influência deste como referência para fazer os brinquedos. No mesmo encontro, Maria fez um caminhão com caixas de papelão e disse que seria para carregar suas bonecas. Outro caminhão feito pelas pesquisadoras havia sido apresentado no mesmo dia. Percebe-se, então, que Maria buscou referências nos brinquedos já prontos também que estavam disponibilizados na brinquedoteca.

Júlio, na maioria das produções, não buscou referências no livro nem nos brinquedos prontos, trazia ideias de brinquedos novos tanto para as

pesquisadoras quanto para as outras crianças. Já Heloísa compareceu a poucos encontros e, em suas produções, buscou referências nos brinquedos prontos feitos pelas pesquisadoras. Cada criança teve suas ações na produção dos brinquedos de maneira singular e cada uma com suas ideias e criações, usando a imaginação para criar brinquedos com sucata, retirando ideias do livro, dos brinquedos ou de suas vivências e desejos, de modo muito particular. Pois as crianças,

desde o primeiro uso de um objeto transicional, formam um repertório ou um armazém de criatividade. E aí que surgem o simbolismo e a possibilidade de discernimento entre realidade e fantasia e, também, entre criatividade e percepção. Num trabalho com crianças podemos integrar essas duas coisas, dando origem a uma terceira, que é a transicionalidade. (MACHADO, 2007, p. 55).

É muito importante possibilitar às crianças momentos de criatividade, de usos da imaginação e da fantasia. Os objetos de sucata são materiais ricos nas mãos de quem pode “dar vida” a eles, crianças e adultos em um trabalho organizado são capazes de enriquecer esses materiais e levá-los a uma transicionalidade, desde que o “adulto forneça embarcação para que cada criança navegue a seu modo e desfrute do prazer em criar e de ‘dar vida’ a um material considerado ‘morto’” (MACHADO, 2007, p. 56).

Contudo as crianças nem sempre apresentaram êxito na confecção dos brinquedos, algumas vezes o brinquedo não ficou como a criança desejava. Machado (2007) traz alguns destaques para situações como estas, quando a criança não consegue executar o seu projeto, e de como foi possível agir dessa forma com as crianças em situações parecidas:

a experiência de construção, de ter uma ideia e executá-la, contrastando o ideal e o real. Pois projetos mirabolantes sempre existem e, na hora da prática, a criança se dá conta de sua possibilidade concreta, sua habilidade e inabilidade. E precisa lidar com a frustração de não conseguir ser tão mirabolante na execução material do seu projeto. (MACHADO, 2007, p. 100-101).

E, ao mesmo tempo, o adulto presente precisa estabelecer um diálogo com a criança, de forma a fazê-la entender a situação. A autora supracitada vem dizendo, também, que os adultos podem ajudar as crianças, “mas de uma maneira que lide com sua habilidade no aqui-e-agora de criança, e não de adulto” (MACHADO, 2007, p. 101).

Uma das oficinas em que foi possível notar maior entusiasmo das crianças foi na de produção de massa de modelar. As crianças, ao verem os materiais, tiveram uma reação de querer logo colocar a “mão na massa”. As pesquisadoras realizaram a leitura da receita da massa

de modelar para as crianças, explicou que deveriam amassar até chegar ao ponto. Em uma vasilha grande, as crianças colocaram os ingredientes na quantidade certa, em seguida começaram a amassá-los.

Pode-se dizer que esse trabalho foi um momento muito prazeroso para as crianças, pois o processo aconteceu com liberdade, no ritmo de cada criança favorecendo a interação entre as crianças e delas com as pesquisadoras. E à medida que a massa de modelar foi chegando ao ponto, as crianças começaram a formar figuras. As crianças sugeriram que a mesa fosse levada para mais perto da cozinha de brinquedos e fizeram várias receitas com a massa de modelar na cozinha, alimentaram as bonecas e fizeram receitas para as pesquisadoras. As crianças foram manuseando a massa, amassando, modelando e descobrindo diferentes formas de manipulá-la.

Na última oficina de produção de brinquedos, foi possível perceber uma interação maior entre as crianças em relação aos primeiros encontros. Durante a produção dos brinquedos, as crianças decidiram fazer uma troca na qual uma fazia o brinquedo da outra e quem terminasse primeiro deveria ajudar o outro. Essas foram estratégias criadas pelas próprias crianças para entender o brinquedo confeccionado pelo outro, ou seja, se colocar no lugar do outro e ajudar como uma estratégia de que todos terminassem juntos as suas produções. Nesse sentido, de acordo com Sarmiento (2003, p. 12), “as culturas da infância são,

prioritariamente, culturas de pares, ou seja, as crianças produzem e partilham valores, ideias em interação com seus pares permitindo a elas se apropriarem, reinventarem e reproduzirem o mundo”.

Dessa forma, pode-se dizer que o trabalho em grupo pôde apresentar melhores resultados, pois foi estabelecida uma troca de conhecimento. O empenho das crianças em ajudar uma a outra foi também para terminarem mais depressa a produção e poder iniciar uma brincadeira com o brinquedo produzido. Ao terminarem as suas produções, Maria fez uma casa de bonecas com caixa de papelão, e os móveis foram feitos com tocos de madeira, por outro lado, Júlio produziu tambores feitos com latas.

Juntas as crianças exploraram esses brinquedos: Maria solicitou ao Júlio que pegasse as bonecas que ela desenhou para que pudessem recortar e brincar na casa de bonecas; Júlio pegou os desenhos, a tesoura e também os tambores que ele havia feito. Com os tambores, fizeram uma “banda” e pediram para que uma das pesquisadoras filmasse a dupla em ação. A pesquisadora fez a filmagem, e, em seguida, as crianças pediram para ver como se saíram no vídeo. Ao assistirem a si mesmas, as crianças sorriam muito e quiseram rever as imagens mais algumas vezes. Posteriormente, arrumaram a casa de bonecas, passaram um tempo colocando os móveis nos lugares e brincaram de casinha com as bonecas de papel que Maria desenhou.

Nesse sentido, “o jogo simbólico, desenvolvido pela criança desde as suas

experiências primordiais e progressivamente inserido nas interações grupais e construído coletivamente pelos pares, insere-se na experiência de vida e favorece a sua apreensão do mundo” (SARMENTO, 2003, p. 15).

Durante os encontros, foi possível perceber que as crianças apresentaram maior interesse em confeccionar os seus próprios brinquedos e um interesse menor em brincar com os brinquedos prontos. Situações como a descrita acima ocorreram com mais frequência evidenciando que o interesse pelo brinquedo produzido por elas próprias foi maior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de investigar a relação e os interesses das crianças pelo brinquedo artesanal e estimular a criatividade das crianças por meio de oficinas de produção de brinquedos, desenvolveu-se a pesquisa, por meio da qual foi possível constatar que as crianças têm interesses por brinquedos artesanais feitos com sucata, mas produzem seus próprios brinquedos com sucata era de interesse bem maior, o que levou as crianças a fazerem o uso da criatividade e imaginação.

O trabalho vem mostrando, também a importância de se possibilitar um espaço no qual a criança possa trabalhar e sentir-se à vontade em realizar suas atividades. As oficinas de produção de brinquedos com a sucata foram muito ricas, e as crianças apresentaram formas variadas de criação e imaginação a

partir desse material, cada uma com sua singularidade. Por isso o estímulo por parte do adulto deve acontecer, pois “a criatividade nunca vem de fora: está em cada um para ser exercitada, estimulada, trabalhada para ser trazida para fora.” (MACHADO, 2007, p. 72).

Nesse sentido, a arte de transformar sucata em brinquedos foi um trabalho que permitiu enxergar que existem muitas possibilidades na sucata. Uma delas é criar brinquedos tão ou mais enriquecidos que os brinquedos industrializados, pois a sucata permite que a criança projete um objeto e faça com que ele se torne realidade. Desse modo, é destacado que é possível trabalhar e estimular a criatividade da criança por meio de um material acessível, mas que vale muito e que pode ser usado em vários contextos como, por exemplo, no ambiente escolar, em casa, nas brinquedotecas universitárias e hospitalares, ou seja, nos lugares em que houver crianças e que for possível proporcionar um espaço dedicado ao brincar e à imaginação infantil.

Por meio da constituição da Sociologia da Infância enquanto área de estudo e pesquisa, é que tivemos a abertura para se pensar na possibilidade do brincar enquanto atividade simbólica de produção de cultura, no caso específico, atrelado ao universo infantil, então podemos dizer, da cultura da infância. O espaço da brinquedoteca possibilita a construção dessa cultura ao ser um local que propicia as trocas, as interações e as brincadeiras entre as crianças,

implicando assim, o reconhecimento da capacidade desses atores sociais de produção simbólica a partir de suas culturas infantis, produzidas principalmente pela atividade do brincar, e da compreensão de que, por meio dessas atividades lúdi-

cas, a criança aprende e se desenvolve. Por meio do brincar a criança produz, mas também reproduz a sua realidade a partir de suas vivências, interações com seus pares ou com os adultos.

## REFERÊNCIAS

- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Tradução de L. de A. Rego e A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca – um mergulho no brincar*. São Paulo: Aquariana, 2007.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: PALHARES, Marina S.; FARIA, Ana Lúcia G. *Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. p. 67-100.
- GODOY, Arilda. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Rev. Adm. Empres.*, São Paulo, v. 35, n. 3, maio/jun. 1995.
- GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- JAMES, Allison; JAMES, Adrian L. *Constructing childhood: theory, policy and social practice*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. 243p.
- MACHADO, Maria Marcondes. *O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar - atividades e materiais*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 391-404, maio/ago. 2005.
- NOFFS, Neide de A. A brinquedoteca na visão psicopedagógica. In: OLIVEIRA, Vera B. et al. *O brincar e a criança: do nascimento aos seis anos*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 151-172.
- PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 221-241, abr. 2005.
- PROUT, Alan. *The future of childhood: towards the interdisciplinary study of children*. Great Britain: RoutledgeFalmer, 2005. 167p.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005. p. 361-378.

\_\_\_\_\_. *Imaginário e culturas da infância*. Texto foi produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”, Projeto POCTI/CED/49186/2002, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Baseia-se numa conferência proferida no âmbito das Jornadas “Educação e Imaginário”, realizadas na Universidade do Minho, Portugal, mar. 2003.

\_\_\_\_\_. *Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas*. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2007a. p. 01-24. [mimeo.].

\_\_\_\_\_. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni (Org.). *Culturas da infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b. p. 1-18.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

### **Sobre as autoras:**

**Fabiana de Oliveira:** Pedagoga formada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutora em Educação pela mesma instituição. Coursou estágio de doutoramento no Instituto da Criança na Universidade do Minho (UM/Portugal). Docente do Instituto de Ciências Humanas e Letras e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). **E-mail:** fabiana.oliveiraunifal@gmail.com

**Tuane Francelino Araújo:** Pedagoga formada pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação dessa mesma instituição. **E-mail:** tuanearaujo7@hotmail.com

**Recebido em novembro de 2015.**

**Aprovado em junho de 2016.**